

# A FORMAÇÃO DO ANALISTA E A CULTURA: DO UTILITARISMO DA TÉCNICA AO SABER DO INCONSCIENTE

*Humberto Moacir de Oliveira  
Tiago Iwasawa Neves*

## **Introdução**

O ano de 2011 marca o centenário do Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Weimar, evento que serviu para respaldar a fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), criada por Freud um ano antes. A fundação da IPA foi, nas palavras do próprio Freud, um ato de defesa da psicanálise a favor de seus princípios conceituais e clínicos.

Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. Deveria haver alguma sede cuja função seria declarar: ‘Todas essas tolices nada têm a ver com a análise; isto não é psicanálise’ (FREUD, 1914a/1969, p. 56-7).

As palavras de Freud não nos trazem somente uma preocupação de sua época, mas um problema que inquieta os psicanalistas até hoje: quais são os critérios epistemológicos e técnicos estabelecidos para se exercer a psicanálise?

Quando pensamos na situação da psicanálise nos dias de hoje é inevitável nos depararmos com o problema de sua formação, sua validade e sua eficácia. Algumas publicações atuais contestam a validade da psicanálise em nossa sociedade, acusando-a de pseudociência e os psicanalistas de crentes de uma nova religião à qual não fazem nenhuma crítica. O exemplo mais notável deste tipo de denúncia é o livro intitulado *Le livre noir de la psychanalyse* (MEYER, 2005), onde os autores deixam claro que a formação técnica de um analista não está em conformidade com os preceitos científicos contemporâneos, o que os leva a concluir que as terapias de cunho cognitivo-comportamental são mais eficazes pois justamente se adéquam ao modelo de ciência estabelecido por esta corrente de pensamento. Entretanto, de acordo com Miller &

Milner (2006), esta suposta “eficácia terapêutica” de cunho cientificista deve ser discutida, pois quando os diversos psicoterapeutas que escreveram o “livro negro” usam este termo, torna-se claro que estão falando a partir de uma idéia de normatividade social. Normatividade, que por consequência lógica, implica um modelo de avaliação governamental que visa regulamentar o campo da saúde mental e definir, assim, os critérios técnicos necessários para a formação de um bom psicoterapeuta.

Com efeito, a partir desta perspectiva, a direção do tratamento fica condicionada a uma simples questão de métodos e competências que se adequariam “cientificamente” à realidade e a uma dada concepção de normatividade. Ora, não seriam exatamente estes preceitos que a psicanálise se encarregou de desmitificar – a perfeita e justa adequação do sujeito a determinações da realidade e da norma social vigente? A questão pode ainda sofrer alguns desdobramentos: teria o termo “eficácia” algum sentido no discurso científico? Notemos que o termo eficácia encontra-se, no contexto destas práticas psicoterápicas, mais alinhado a uma perspectiva utilitarista e menos a uma perspectiva propriamente científica. Nesse sentido, essas psicoterapias estranhas à psicanálise, em linhas gerais, tomam o conceito de ciência como equivalente de eficácia, e eficácia como sinônimo de utilidade.

Portanto, em primeiro lugar, não devemos nos confundir e acreditar que o problema em torno da formação de um analista e da validade da prática deste se coloca em função de um utilitarismo imaginário. Pelo contrário, somente em função de uma discussão sobre os conceitos que sustentam e dão sentido à prática psicanalítica é que podemos pensar sobre a validade ou não da psicanálise e sobre a formação do analista, que contrariando esse modelo utilitarista, diz não a uma vocação tecnicista.

### **As “recomendações” de Freud**

Seguindo a discussão freudiana sobre os critérios epistemológicos e técnicos da psicanálise, percebemos que a inquietação de Freud com a defesa dos princípios fundamentais de sua teoria não se revela somente através de um ato político de fundação de uma Associação. O reconhecimento internacional da Psicanálise, principalmente a partir dos primeiros congressos, intensificou a preocupação de Freud em expor sua técnica e em pensar a formação dos profissionais que iriam exercer a psicanálise. No entanto, seus esforços em fazer essa exposição são acompanhados de uma precaução que se revela quando Freud (1913/1969) diz ser prudente chamar suas advertências técnicas de recomendações e a não reivindicar qualquer aceitação incondicional delas. Essa precaução, juntamente com a relutância freudiana em publicar o que ficou conhecido como seus “artigos sobre a técnica”, revelam o ceticismo freudiano em relação a um manual prático de psicanálise e confirmam a hipótese levantada por Freud (1910/1969) de que a psicanálise não pode ser transmitida apenas com a leitura teórica dos livros.

Mas se a psicanálise não se submete à lógica de um manual, máximas ou regras, e se as recomendações de Freud a respeito do seu método são na maioria das vezes negativas, dizendo o que não deve ser feito, mais do que o que se deve fazer, como pensar a formação do psicanalista em uma cultura cada vez mais marcada pelo referencial tecnicista e utilitarista?

### **As “recomendações” de Lacan**

Esse problema da formação do analista, que abordaremos aqui como um problema de transmissão, alcançou Lacan de tal forma que ele não apenas fundou sua própria escola, criando mecanismos que favorecessem a transmissão da psicanálise, tal como o cartel ou o passe, como também desenvolveu uma teoria que não trata o saber e o conhecimento como mecanismos coincidentes. Pelo contrário, o que encontramos em

Lacan (1970/2003) é um antagonismo entre o saber que se transmite e um conhecimento que se ensina.

Para essa discussão entre conhecimento e aprendizagem, Lacan (1972-73/1985) recorre à experiência do rato no labirinto. Inventados no começo do século por W. S. Small, os labirintos para ratos, muito usados pela escola behaviorista tanto de John B. Watson quanto de Burrhus F. Skinner são, por vezes, considerados situações padronizadas para o estudo da aprendizagem. Essas experiências visam demonstrar ou conhecer que capacidade o animal tem para aprender. A diminuição da taxa de ensaios e erros para a obtenção da comida demonstra que o rato é capaz de aprender algo. Isso, no entanto, não prova que haja um saber. Para Lacan, a verdadeira questão é saber se o rato vai aprender a aprender, se, após passar por essa prova, em alguma outra situação o rato irá aprender mais depressa. A hipótese que encontramos é que tudo o que o rato aprende é a dar um sinal, um signo de sua presença de unidade. Não se trata de um saber, mas de um conhecimento, principalmente se nos reportamos a outro texto lacaniano (LACAN, 1960/1998) que definirá o instinto, estejamos ou não sob a ótica da biologia, como um conhecimento que não pode ser um saber. O inconsciente não é composto de um conhecimento sem saber, de um instinto, mas, pelo contrário, de um saber do qual o sujeito não tem o menor conhecimento (o que estaria mais próximo do conceito freudiano de pulsão). É por essas vias que, à psicanálise, não interessa o conhecimento, o “acúmulo de informação”, mas um saber.

### **As diferentes formas de saber**

Esse antagonismo lacaniano entre o conhecimento e o saber aparece também na obra freudiana no paralelo que Freud (1915-1916/1996) faz entre sua teoria sobre a neurose e a doutrina socrática que afirma que os vícios provêm da ignorância. Nessa passagem Freud faz questão de alertar o público quanto à ilusória facilidade de se curar

um vício, ou melhor, um sintoma, que se origine da ignorância. Com isso Freud reivindica a existência de mais de um tipo de ignorância, pois se a ignorância em outras práticas pode ser remediada pela informação, a ignorância da qual se trata a análise ou a doutrina de Sócrates, não é removida ou sanada apenas com informação. Dessa forma, Freud afirma que “Saber nem sempre é a mesma coisa que saber: existem diferentes formas de saber, que estão longe de serem psicologicamente equivalentes.” (FREUD, 1915-16/1996, p.288). O autor ainda completa esse raciocínio afirmando que se o médico transferir seu conhecimento para o paciente, na forma de informação, não se produz resultado, ou melhor, o resultado produzido não é a remissão do sintoma, mas o começo de uma análise que só obterá êxito quando o sentido do sintoma se tornar um conhecimento baseado numa modificação interna do paciente. Essa advertência, na verdade, já havia aparecido várias vezes na obra freudiana. Uma delas chama a atenção pela maneira caricaturada e chistosa com que Freud (1910/1969) aborda o tema ao dizer que ouvir conferências ou ler livros sobre o inconsciente são medidas tão eficazes para os sintomas neuróticos quanto a distribuição de cardápios o são para a fome. Mais uma vez nos deparamos com o fato de que não só a formação do analista, como o próprio avanço de sua clínica ganha menos com a aquisição de novos conhecimentos do que com o trabalho de velhos saberes que habitam a mente inconsciente.

### **Considerações Finais**

É por encarem a formação do analista mais no âmbito da ética do inconsciente do que da técnica do conhecimento, é que tanto Freud quanto Lacan reconhecem ambos a importância de uma transmissão de saber que supere a teoria dos livros, o primeiro dizendo que quem deseja ser um analista deve começar por analisar seus próprios sonhos e o segundo afirmando que o produto de uma análise é um novo analista. Freud (1912/1969) afirma que não basta ao analista ser uma pessoa aproximadamente normal,

mas antes que tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente de seus complexos que podem interferir na análise do paciente. Para Freud (1912/1969), o psicanalista que negligencia o saber adquirido na própria análise em prol do conhecimento adquirido nos livros e conferências será não apenas punido por ser incapaz de aprender um pouco mais em relação a seus pacientes, mas também tornará um perigo para os outros e para o crédito do método psicanalítico.

Essa aproximação entre a formação do analista e sua análise pessoal, denuncia a distância que Freud e Lacan enxergam entre a psicanálise e o modelo utilitarista das psicoterapias e do ensino convencional. Se a formação do analista coincide com sua clínica e sua análise pessoal, é porque na direção do tratamento psicanalítico não há espaço para a normatividade utilitarista almejada pelas psicoterapias e pelos manuais de técnica terapêutica. Lembremos a crítica de Freud (1914/1969b) ao fanatismo pela cura, ao *furor senandi* da sociedade, e situemos o resultado psicanalítico, ou sua cura, se assim se preferir, num campo distante da justa adequação do sujeito a determinações da realidade e da norma social vigente.

Tratar o ajustamento do sujeito ao utilitarismo da sociedade como critério para se medir a eficácia terapêutica é descartar toda a contribuição que Freud e Lacan nos deram em relação à formação do analista e à formação de uma nova modalidade de discurso que a psicanálise inseriu em nossa ciência e em nossa sociedade. Se a psicoterapia se sustenta na passagem de informações ou sugestões ao paciente, então uma formação que se oriente pela aplicação técnica do conhecimento deveria bastar. Mas se acreditamos que esse tipo de operação não implica, necessariamente, em um saber, então temos a difícil tarefa de pensar a formação do analista sustentada em critérios epistemológicos e técnicos que divergem das mensurações do que “o livro negro” chama de ciência e alcançam uma dimensão que, por se basear num saber mais

do que em um conhecimento, só podemos chamar de transmissão. Eis a tarefa do analista cem anos depois do Congresso de Weimar.

## **BIBLIOGRAFIA**

FREUD, S.. Psicanálise Silvestre (1910) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento (1913) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. História do movimento psicanalítico (1914) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial (1914). In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.

\_\_\_\_\_. O inconsciente (1915-1916) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Alocução sobre o ensino (1970) In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro XX: Mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MEYER, C. (Org.). **Le livre noir de la psychanalyse**. Paris: Les Arènes, 2005.

MILLER, J.-A.; MILNER, J.-C. **Você quer mesmo ser avaliado?** São Paulo: Manole, 2006.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Humberto Moacir de Oliveira** é graduado pela PUC-MG e Mestre em Psicologia pela UFMG. Atualmente leciona Psicopatologia e Psicanálise na Faculdade Pitágoras de Ipatinga, Minas Gerais, e atua como psicólogo clínico na Clínica SUBLIMAR.

**Tiago Iwasawa Neves** é Professor Assistente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Psicologia pela UFMG.

---